

Televisão

Graça militar

General amigo de Figueiredo
é o novo tipo de Jô Soares

O destino aprontou uma trapaça com o general. Colega de turma de João Figueiredo no Rio Grande do Sul, ele bateu o carro em que viajava justamente no dia em que seu grande amigo tomava posse na Presidência. O general gaúcho então entrou em coma e permaneceu desacordado durante mais de seis anos — até voltar a si na noite de segunda-feira passada, na Rede Globo. Ofraquecido, ligado a aparelhos por tubos e sondas, o general lentamente descobre que o país mudou e seu amigo não é mais presidente. “Me tira o tubo”, diz ele, perplexo. “Então eu não vou aproveitar nada?” O médico lhe diz que o presidente se chama José Sarney. “Quem é esse general que eu não conheço? Ele não é da minha turma.” Ao receber a notícia de que Sarney é civil, o general repete o bordão: “Me tira o tubo, me tira o tubo”.

“É a primeira vez na história da televisão que um general brasileiro aparece tão escancaradamente num programa humorístico”, afirma o criador e intérprete do personagem, o carioca Jô Soares, 47 anos. O general “amigo do João” foi imaginado pelo humorista numa viagem da ponte aérea de São Paulo para o Rio de Janeiro e apareceu no vídeo pela primeira vez no programa *Viva o Gordo* da segunda-feira passada. Depois de se recobrar do susto o general pergunta ao médico como vão as coisas. “O principal problema são as greves”, responde-lhe o médico. “Eu falei para o João que esse negócio de greve tem de ser tratado com rédea curta”, comenta o militar, com forte sotaque gaúcho. “Pega esse advogado dos metalúrgicos, o Pazzianotto, e bota ele na cadeia”, recomenda. Ao saber que o advogado é agora ministro do Trabalho, o militar volta ao mote, cada vez mais desiludido: “Me tira o tubo!”

O sucesso do personagem — um dos melhores criados por Jô em seus 27 anos de car-

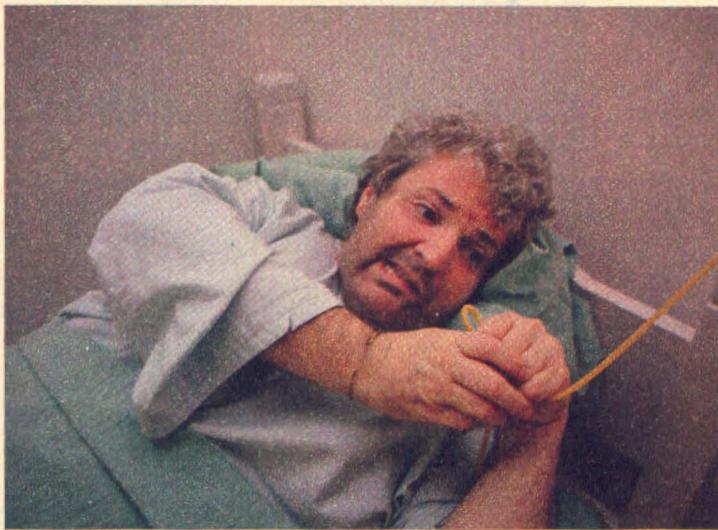
reira — foi instantâneo. Já na manhã de terça-feira, ao sair de seu apartamento duplex na Fonte da Saudade, o humorista foi saudado por diversos “me tira o tubo”. À noite, jantando na churrascaria Plataforma 1, no Leblon, Jô foi cumprimentado pelo ministro Fernando Lyra, da Justiça. “Gostei muito do general”, disse Lyra a Jô Soares, “mas quem me contou que adorou o quadro foi o Pazzianotto.” No programa, porém, as críticas alcançam também algumas figuras da Nova República. “A conta do hospital deve ficar nuns 50 000 cruzeiros?”, indaga o general, raciocinando sem levar em conta a inflação. “Manda a conta para o Delfim, que é o homem do dinheiro.” Quando lhe dizem que Delfim saiu e que o homem do dinheiro agora é Francisco Dornelles, o general se resigna. “Com o Dornelles não muda muito, pode deixar o tubo.”

Para Jô Soares, colocar um general no

Viva o Gordo não é um sintoma de que seu humor tenha se tornado mais diretamente político. “Quem mudou foi o país, incluindo os generais”, diz. “Meu personagem não é um torturador ou corrupto, ele apenas fica chateado porque não pôde participar da aventura de ter um amigo presidente.” De fato, o general de Jô Soares apenas demonstra que os militares já não são figuras intocáveis, distantes da sociedade. “É muito bom poder brincar com os generais”, diz o humorista. Para o deputado Armando Pinheiro (PDS-SP), “se o personagem fosse civil, poderia ser confundido com Georges Gazale, o melhor amigo de Figueiredo”.

COLARINHO BRANCO — O “amigo do João” foi precedido por outros personagens políticos criados por Jô Soares. É o caso do doutor Sardinha (“Meu negócio é número”), inspirado em Delfim Netto, o do exilado Sebá (“Madalena, você não quer que eu volte”) e o do vice-presidente de uma empresa cujo presidente nunca está e ele é obrigado a responder às mais variadas perguntas (“Tirante o Aureliano, vice não fala”). Todos esses tipos foram criados durante o governo Figueiredo, mas já em 1975 Jô Soares havia colocado no ar um personagem que conseguia os empregos mais difíceis dizendo “sou amigo do Gandola”. O quadro foi vetado quando a Censura descobriu que gandola é uma espécie de túnica militar.

ANTÔNIO RIBEIRO



O “amigo do João” na Nova República: “Me tira o tubo”



Político: “Revanchismo não”



Gutiérrez: “Soy Severino”

ZECA ARAÚJO

Mais diretamente, o general gaúcho que agora faz sua aparição foi antecipado pelo general argentino Gutiérrez, que foge para o Brasil quando Raúl Alfonsín toma posse em Buenos Aires. Ex-torturador, o general não quer ser reconhecido. “Yo soy Severino Silva, baiano, amigo de Caymmi e Jorge Amado”, dizia ele. Nessa nova fase do *Viva o Gordo*, há um quase-militar: o sujeito que sempre diz “Revanchismo não”, tentando esconder o uniforme de campanha sob uma capa de chuva. Esse personagem, no entanto, está mudando: agora, ele tenta ocultar um enorme colarinho branco. “Se perdemos o medo dos generais, não há por que não fazer piadas com os colarinhos brancos”, diz Jô.